

# CONDICIONALISMOS DA IDENTIDADE KUVALE EM *VOU LÁ VISITAR PASTORES*

CONDITIONALISMS OF KUVALE IDENTITY IN *VOU LÁ VISITAR PASTORES*

*Paulo Branco Lima*

Centro de Literatura Portuguesa – Universidade de Coimbra

*Venho de um sul*

(...)

*De uma nação de corpos transumantes  
confundidos*

*na cor da crosta acúlea*

*de um negro chão elaborado em brasa.*

(RUY DUARTE DE CARVALHO, *Chão de oferta*, 1972)

## 1. O AUTOR E A SUA OBRA

O legado literário do escritor Ruy Duarte de Carvalho representa um desafio para as leituras críticas em torno da sua obra. Desde logo, pela diversidade da atividade intelectual, uma vez que o autor foi igualmente antropólogo, docente universitário, poeta, romancista, artista plástico e cineasta. Regra geral, os seus textos ultrapassam os limites relacionados com o próprio contexto de produção documental, transformando-se em referência para investigadores de áreas distintas.

Ruy Duarte de Carvalho nasceu no ano de 1941, na cidade portuguesa de Santarém, vindo a falecer na Namíbia, em 2010. Naturalizado angolano na década de 1980, passou parte da infância em Moçâmedes, na província do Namíbe, regressando à terra natal para

frequentar o curso de regente agrícola, concluído em 1960. Da sua obra destaca-se *Lavra*, livro que reúne a produção poética de 1970 a 2000; e a trilogia *Os filhos de Próspero*, incluindo os romances *Os papéis do inglês* (2000), *As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009), nos quais o autor coloca em foco, entre outras questões, a problemática existencial a partir da configuração das identidades.

Doutorado em Antropologia Social e Etnologia na *École des Hautes Études de Sciences Sociales*, de Paris, a sua condição de antropólogo permitiu que percorresse as grandes regiões angolanas, adquirindo conhecimentos de práticas agro-pastoris tradicionais, o que levou o corpo narrativo de Ruy Duarte de Carvalho a consignar-se como extensão das preocupações profissionais. Assim, tecidos na fronteira entre vários géneros, os seus textos, permeados tanto pela ficção como pelo ensaio etnográfico, e, não raro, atravessados por uma prosa onde a poesia emerge de forma surpreendente, propõem uma meditação sobre os novos tempos em que os antropólogos evidenciam a natureza subjetiva e marcadamente autoral das narrativas que constroem. Neste âmbito, a publicação de 1999 intitulada *Vou lá visitar pastores: exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1992-1997)* assume-se como a obra mais emblemática, na qual Ruy Duarte de Carvalho desafia a divisão genológica (será Antropologia ou Literatura?) e a receção dos leitores.

O livro retrata o seu trabalho como antropólogo, durante vários anos, no território da etnia pastoril Kuvale, uma vasta área que se estende para sul, passando além do meridiano de Namibe (a antiga Moçâmedes) até às margens do rio Kunene. O dispositivo adotado pelo escritor é engenhosamente ficcional: consiste na suposta transcrição de uma coleção de cassetes nas quais o narrador (apresentando-se como A.) relata as suas anotações de campanha, pressupondo um interlocutor virtual num amigo jornalista que se atrasou na visita ao território. A penetração de Ruy Duarte de Carvalho nas terras, gen-

tes e costumes do povo Kuvale, torna-se na própria matéria da obra, fazendo-nos compreender a essência singular destes pastores nómadas e das paisagens que habitam.

Por outro lado, em *Vou lá visitar pastores* regista-se uma *viagem iniciática* que obriga o viajante, ao dialogar com panoramas e sujeitos distintos, a voltar-se para si, embora entrando em contato direto com a alteridade. Trata-se, no fundo, de uma reflexão *sui generis* sobre o olhar do outro, marcada pela experiência etnográfica presencial, ou seja, pela formulação concreta do “estar lá”, no terreno. Desse modo – íntimo e coletivo – expõe-se a realidade de um povo inserido num contexto histórico e geográfico específico, cruzado pela variedade de etnias, línguas e tradições.

Como relatório de pesquisa prolongada, os dados reproduzidos encontram-se selecionados, sistematizados e classificados etnograficamente, possibilitando a decifração do vasto universo de percepções herdeiras de uma cosmovisão alicerçada na oralidade. A obra divide-se em quatro partes: *Memórias, colocações; Viagens e encontros: figuras; Etnografias, torrentes; Decifrações, desafios*. A composição do livro é heteróclita: o autor esforça-se por apresentar a comunidade Kuvale através de mapas e ilustrações baseadas em fotografias captadas por si; além de, na parte final, incluir *post-scriptum* e glossário.

## 2. CONDIÇÃO DA SOCIEDADE KUVALE EM ANGOLA

Os pormenores da fase inicial da viagem, começando no Namibe, são relatados antecipadamente em *Memórias, colocações*. O roteiro, efetuado no território e no discurso, gira sempre em torno dos Kuvale – também chamados “Mucubais”, designação externa ao grupo, decorrente do tempo do colonialismo. De acordo com Ruy Duarte de Carvalho, a sociedade Kuvale é uma das mais antigas a sobreviver aos períodos colonial e pós-colonial com o mesmo sistema cultural, possuindo uma singularidade “que acaba por ser insularidade”

(Carvalho, 2015: 22). O que é mostrado ao leitor é o deslocamento dessa população, a sua complexidade social e o isolamento a que foi relegada. Na verdade, o autor comprova a discriminação dos Kuvale no processo de construção identitária do Estado angolano, isto por ser uma população diferente, vivendo da prática ancestral da transumância:

Os pastores são unanimemente acusados de independentes, pouco controláveis, pouco dóceis, pouco respeitadores das autoridades, turbulentos, bandidos, preguiçosos, avessos tanto ao trabalho agrícola como ao trabalho assalariado e público, rebeldes à escolarização, vítimas de arcaísmo cultural, de estagnação e de imobilismo, e, sobretudo, estão sempre prontos a roubar gado. De facto, onde quer que existam, eles encostam em vizinhos e acham-se sempre mais ou menos integrados em configurações político-administrativas que de uma maneira geral tendem a contrariá-los, a deplorar a sua existência e, inevitavelmente, a pressioná-los no sentido da alteração do seu modo de vida, da sua mobilidade, da sua fluidez, da sua inapreensibilidade, enfim. Esta atitude por parte da sociedade moderna e sedentarizada é facilmente compreensível. Ela inscreve-se no curso das complexificações e das expansões civilizacionais que dominam e acionam a aventura humana voltada em toda a parte para a intensificação focalizada do aproveitamento de recursos, naturais ou tecnológicos. Dirigindo a atenção para os contextos específicos em que esses embates ocorrem no quadro do mundo atual, a mobilidade pode facilmente ser entendida como um fator de perturbação para os interesses das comunidades fixadas, agricultores na sua maioria legitimamente ciosos do controle absoluto sobre a terra que os mantém e justifica (Carvalho, 2015: 26).

Em Angola, os Kuvale são estigmatizados como gatunos, embora, no costume destes pastores, a circulação de animais corresponda a uma

lógica pastoril muito particular, temida pelas sociedades sedentárias. Porém, segundo Ruy Duarte de Carvalho, a intenção de dominação que caracteriza estas últimas não obtém resultados significativos. Ao invés, perante a incapacidade de ocidentalizar os Kuvale, essas sociedades desprezam-nos, transformando-os em figuras exóticas. Entre a fascinação e o espanto, os Mucubais vão servindo para ilustrar algumas festividades na capital da província ou mesmo em Luanda, assistindo-se a uma redutora folclorização da identidade desta comunidade Herero, pertencente ao grupo da grande expansão para sul dos bantu. Em tais oportunidades, sob respaldo das necessidades de afirmação cultural do Estado-Nação, e através de uma política que recorre ao critério justificativo da tradição, deseja-se reabilitar um passado, quando se exhibe, afinal de contas, uma representação viciada – clichês etnográficos que o antropólogo apelida de “mascarada” (Carvalho, 2015: 29).

Ruy Duarte de Carvalho considera que, um pouco por todo o mundo, comunidades como a dos Kuvale são ignoradas estrategicamente, olhadas de longe, quais aberrações ou descuidos que a História “se encarregará de resolver, integrando, na melhor das hipóteses e se não houver resistência, ou aniquilando, dominando, dissolvendo, igualizando e anulando, por fim” (Carvalho, 2015: 27). Para o autor, esse tipo de integração torna-se perverso, visto ser um meio de apostolar, recorrentemente, uma redenção inócua que passa, de modo quase inevitável, pelo exercício da “ajuda humanitária, das ofensivas desenvolvimentistas ou das militâncias ecologistas” (Carvalho, 2015: 72).

Ainda na primeira parte do livro, o narrador sugere que o seu interlocutor, antes de partir para o deserto, passeie no Bero<sup>1</sup> e pelo

1 Pequeno vale potencialmente produtivo localizado à margem do Rio Bero, parte do território Kuvale.

Kuroka<sup>2</sup>, visando entender, justamente do ponto de vista histórico, os motivos da má-fama que acompanha os pastores até ao presente. Ficamos então a saber que os Kuvale foram espoliados das suas melhores terras, além de terem sofrido toda a sorte de punições durante a «Guerra dos Mucubais». Acerca deste conflito face ao imperialismo lusitano, Ruy Duarte de Carvalho esclarece que, “para os Portugueses, terá sido o remate de um processo de eliminação de um obstáculo à sua plena soberania e a um arbítrio que remontava às primeiras questões e ações de razia e contra-razia, sensivelmente a meados do século passado” (Carvalho, 2015: 79).

Como se verifica, o escritor pretende mobilizar uma estratégia contradiscursiva que visa a deslegitimação do discurso colonial, desvendando silêncios e sombras da História. *Vou lá visitar pastores* inclui-se igualmente neste contexto, sobre o qual a reconhecida investigadora Inocência Mata afirma:

O contexto discursivo dessas metaficções historiográficas representa possibilidades de releituras do passado, expressões de reinterpretações para, como já foi assinalado, molda-lo às exigências das interpretações eficazes e iluminar segmentos sociais, ideias e eventos históricos antes na opacidade (Mata, 2003: 60).

Além deste teor crítico, também o questionamento do poder constituído no pós-independência encontra-se presente não apenas em *Vou lá visitar Pastores*, mas em grande parte da obra de Ruy Duarte de Carvalho. Nela podem-se aferir, com frequência, reparos desta índole: “a própria denúncia do colonialismo, que todas as independências tão veementemente brandiram, não terá ido além da conde-

2 Outro vale, localizado à margem do rio Kuroka, integrando de igual modo o território Kuvale. Habitado pelos Kurokas (grupo étnico Kuvale).

nação dos seus abusos, sem verdadeiramente pôr em causa os seus princípios” (Carvalho, 2008: 38).

### 3. INTERVENÇÃO HUMANITÁRIA: VISÕES CRÍTICAS

Na segunda parte do livro, denominada *Viagens e encontros: figuras*, o espaço do deserto do Namibe é descrito como local produtivo, economicamente viável nas formas de ocupação efetuadas pelos Kuvale. A economia de subsistência deste povo é poeticamente revelada por Ruy Duarte de Carvalho, sem que restem dúvidas quanto à urgência da prática transumante. Isto torna-se possível através do conhecimento tradicional que, sabendo respeitar a natureza, consegue extrair dela os recursos necessários à manutenção da vida em grupo. Trata-se de um saber que contraria, de novo, os princípios defendidos pelos agentes das causas humanitárias. Sobre este tipo de abordagens, Ruy Duarte de Carvalho aponta as organizações que operam como ONG's desenvolvendo caridade em nome do Estado, cuja contra-argumentação relativamente ao modo de vida dos Kuvale o antropólogo classifica de preconceituosa, pois apelam “no sentido de os libertar desse *vício* da errância” (Carvalho, 2015: 119).

Subtilmente, Ruy Duarte de Carvalho consegue mostrar que o falso discurso humanitário esconde juízos de valor incrustados no “império do lugar-comum e da banalização” denunciando a “cultura de pacotilha” dos “ardorosos militantes do desenvolvimento ou da intervenção humanitária” (Carvalho, 2015: 119). Neste ponto, torna-se quase forçoso pensar nas reflexões pós-coloniais de Gayatri Spivak. Esta filósofa aponta para os perigos das análises que buscam a “voz da consciência” dos grupos subordinados, perigos que, ao fim e ao cabo, se resumem em reforçar a subordinação e o silêncio dos subalternos:

The practice of some benevolent cultural nativists today can be compared to this, although the cover story there is of a fully self-present

voice-consciousness. Increasingly, there is the self-marginalizing or self-consolidating migrant or postcolonial masquerading as a “native informant”. I am discovering the native informant clear out of this cluster. The texts I read are not ethnographic and therefore do not celebrate this figure. They take for granted that the “European” is the human norm and offer us descriptions and/or prescriptions (Spivak, 1999: 6).

No que toca à crítica dos relatos da representação do subalterno que, por baixo de uma camada libertária, acabam por ajudar na manutenção de práticas essencialistas, Ruy Duarte de Carvalho, como Spivak, refere-se aos efeitos da globalização. Estes perpetuam-se por meio dos ativistas da mudança, os quais, escudados em legitimidades ideológicas, propõem às tribos consideradas “mais atrasadas” programas de destabilização, justificados através de intervenções sobre as quais o autor releva assumirem “uma feição etnicida” (Carvalho, 2015: 305). Nesta linha de pensamento, as tais agências de desenvolvimento e organizações não-governamentais são, no fundo, os protagonistas de uma missão como que neo-colonial e “benevolente” de representação dos subalternos:

(...) esses agentes de tais voluntariosos militanismos bem remunerados saem dali convencidos de que sabem o que precisavam, isto é, o bastante, quer dizer, tudo, para passar à ação. E o que ouviram não é afinal muito diferente do que já conjeturavam (Carvalho, 2015: 133).

A crítica mordaz e contundente à intervenção humanitária junto dos Kuvale prolifera em *Vou lá visitar pastores*. Assiduamente, aponta-se o “incauto voluntarismo” exercido pelos elementos das ONG’s, cujo carácter invasor contribui para uma deturpação da identidade dos pastores. Estes, a pretexto da necessidade de ajuda, acabam ameaçados ou banidos como sujeitos. Na opinião de Ruy

Duarte de Carvalho, trata-se do preço que as sociedades deste tipo, embora funcionando em pleno, ao assegurar a sua manutenção e reprodução (quando não a prosperidade), se vêm obrigadas a pagar para aceder, quer queiram quer não, ao universo das lógicas alheias que fundamentam as intervenções de que são “alvo”.

Refira-se que o papel contraproducente dos intervenientes humanitários encontra-se abundantemente assinalado num livro anterior de Ruy Duarte de Carvalho, *Aviso à Navegação*, um ensaio mais sucinto e preliminar sobre os pastores Kuvale e outras sociedades agro-pastoris do Sudoeste de Angola. Igualmente nessa obra, publicada em 1997, o antropólogo coloca em relevo a ineficiência dos programas de apoio que pouco vingam ou perduram, não garantindo qualquer continuidade ou concertação.

#### 4. A IMPORTÂNCIA DOS BOIS E A POSIÇÃO FEMININA

No último tópico da segunda parte de *Vou lá visitar pastores*, o antropólogo penetra de modo mais aprofundado no sistema organizacional da sociedade Kuvale. Com efeito, instalando-se no Vitetehombo<sup>3</sup>, Ruy Duarte de Carvalho pretende entender como os Mucubais vivem e funcionam, como se resolvem no contexto ecológico, económico, social e cultural. As suas observações *in loco* concluem que os Kuvale vivem em função da lida com os bois, apesar de não fazerem deles a sua fonte principal de alimentação. O autor salienta que os animais bovinos representam o pivô de todos os acontecimentos e de todas as relações Kuvale, uma vez que “é através do boi que um Mucubal cresce, casa, faz filhos, prospera e come e bebe, e dança e brinca e sofre e chora e dá sentido à vida” (Carvalho, 2015: 179).

Já na terceira parte da obra (*Etnografias, torrentes*), Ruy Duarte de Carvalho preocupa-se com o lugar das mulheres, particularmente no

3 Local em território Kuvale.

que diz respeito ao seu desempenho e à colocação social no interior da comunidade. Abordando a questão feminina nos tópicos “Bumbo – onde o assunto é casar...” e “Lute – e se fala é de mulheres”, o escritor apresenta o caso de um indivíduo Kuvale, de nome Batupo, que se prepara para o seu terceiro casamento. Relativamente aos matrimônios, o antropólogo observa que, entre os Kuvale, aumentaram de forma significativa devido à fuga constante das esposas aos maridos, não respeitando as ordens dos pais e dos tios, preferindo deslocarem-se por conta própria às cidades para efetuar comércio.

Neste caso, se o homem se sentir abandonado e começar a dormir com as mulheres dos outros, terá que dispor de animais suficientes para pagar a respetiva multa de infidelidade exigida pela comunidade. Ruy Duarte de Carvalho alonga-se sobre o casamento de Batupo com a sua primeira mulher, demonstrando a importância da circulação de gado no contexto das alianças e separações matrimoniais. Aqui ficamos a saber que a primeira mulher de Batupo, para poder voltar a casar, divorciou-se de um outro Kuvale. Por isso, Batupo já tinha pago uma multa em bois por dormir previamente com ela, conferindo esta circunstância um estatuto à relação que mantinham.

Por outro lado, e de acordo com o autor, nos Kuvale um divórcio raramente se encontra associado a questões de ciúme. Nessas ocasiões, são as próprias mulheres que desejam revelar a situação extra-conjugal, porque o ciúme, ou a denúncia por parte do homem, é mal visto. Como afirma o Kuvale Batupo:

não há muito ciúme porque as pessoas te fazem pouco, te perguntam você pensa que mulher é quê, você anda a desprezar os teus bois só para acompanhar essa mulher, você deve mas é aguentar a sua riqueza porque a mulher hoje está contigo, amanhã vai embora com o teu *ahumbene*<sup>4</sup>, e

4 Pessoa pertencente à mesma faixa etária.

se abandonas os teus bois só a chorar e a acompanhar essa mulher amanhã, vais ver, também não tens mais bois (Carvalho, 2015: 237).

A lógica das coimas pagas em gado a partir destas situações estende-se aos casos de violência conjugal ou aos direitos sobre os filhos de casais em conflito, desentendimentos que, como destaca o autor, *fazem correr muito boi*. Sobre este assunto, Ruy Duarte de Carvalho acaba por reconhecer que a fluidez das práticas sociais, envolvendo a questão feminina relacionada com o pagamento de multas, é tão intrincada e vasta que um observador externo nunca poderá dar inteira conta do seu processo. Visando entender o posicionamento das mulheres Kuvale, o antropólogo confessa acumular torrentes de informação, obrigando-se depois a situar instituições, projetar estruturas, descortinar percursos e cadeias interativas, as quais resultam, como admite Ruy Duarte de Carvalho, “em formulações adaptadas”; ou seja, terminam reduzidas às fixações de um código alheio à identidade dos sujeitos locais.

##### 5. ECONOMIA KUVALE *VERSUS* GLOBALIZAÇÃO

Apesar da “imaginação mórbida do poeta que não dá folga ao antropólogo”, Ruy Duarte de Carvalho persiste em desenhar o quadro das realidades do povo Kuvale, verificando que estas se encontram institucionalmente aparelhadas para não perder de vista um equilíbrio socioeconómico eficaz, no qual as cadeias de relações operam no sentido do bem coletivo. Já na derradeira parte do livro – *Decifrações, desafios* – o narrador concentra-se na noção de prosperidade para os pastores Kuvale. De modo notório, assomam as diferenças com o mundo ocidental, isto porque, entre os Mucubais, não prevalecem as fórmulas “tempo é dinheiro” ou “amigos, amigos, negócios à parte”:

(...) o dinheiro, neste sistema, de forma alguma constitui valor padrão por onde aferir os resultados da produção e da produtividade. Evidências como esta, facilmente aplicáveis também aos termos de valorização do gado explorado, terão levado à enunciação e à prevalência daqueles juízos que imputam às sociedades pastoris uma marginalidade econômica manifesta, institucionalizada e irredutível, expressão afinal de uma “irracionalidade primitiva”. A tendência para acumular gado sem visar os benefícios financeiros que adviriam da sua venda no mercado, a resistência de todas as sociedades pastoris em participarem nesse mesmo mercado, ainda quando lhes são feitas aliciantes propostas de montantes em dinheiro e a exploração dos animais orientada para a valorização de fatores com um interesse mercantil nulo, como a cor da pelagem e o tamanho ou feitio dos cornos, ocorrem aos olhos do senso comum envolvente e dominante como marcas inequívocas dessa irracionalidade (Carvalho, 2015: 299-300).

De acordo com o escritor, as assunções etnocêntricas não levam em linha de conta que a economia, além de ser uma questão de ganho, é essencialmente “uma questão de cultura, e é a cultura que a inscreve em quadros particulares, específicos, de equilíbrio geral, ecológico, produtivo, social” (Carvalho, 2015: 302). Por isso, a aparente irracionalidade dos Kuvale privilegia uma estratégia que visa mais o conceito de harmonia material do que uma obrigatoriedade de crescimento. É aqui que Ruy Duarte de Carvalho identifica um confronto elucidativo entre o *modus vivendi* dos Kuvale e a lógica da *maximização do lucro* neoliberal.

O antropólogo faz questão de sublinhar que, entre as populações angolanas, mesmo no tempo do colonialismo, já vigorava uma economia doméstica, “desmonetarizada”, virada para a exploração de recursos primários. Segundo o autor, o povo Kuvale desenvolve um modelo coerente de auto-suficiência, pese embora sob a reco-

nhecida pressão das aceleradas mudanças económicas e sociais da atualidade. Apesar disso, os pastores demonstram notável vitalidade relativamente à preservação das articulações estruturais das suas dinâmicas, as quais, não obstante, continuam a ser sistematicamente postas em causa.

Os termos de comparação são bastante sugestivos: exibir coleções de viaturas modernas e dispendiosas num quintal, em contexto urbano, confere uma expressão pública de poder e propriedade em tudo semelhante, no mundo Kuvale, à exibição de avantajados e luzidios *du minthos*<sup>5</sup> como provento económico e realização pessoal. Trata-se de um código local, inscrito ética e culturalmente numa sociedade pastoril cuja conduta perturba as racionalidades urbanas, pois “veem assim imediatamente relativizado o seu império económico e ideológico” (Carvalho, 2015: 308). Ou seja, a mentalidade cidadina é incapaz de compreender que a riqueza dos Mucubais se faz principalmente dos bois que os pastores conseguem “extrair” do deserto, somente porque souberam preservar um sistema de exploração animal que garante um padrão económico e operatório interessante.

Esta incompatibilidade de raciocínios, porém, nem sempre assenta numa lógica de exclusão ou simples construção estereotipada. No momento atual de um mundo cada vez mais globalizado, caracterizado pela redução de poder do Estado-nação e pelo crescimento da influência do capital anónimo, a dialética local\global passou a afirmar-se sobretudo num cenário de hibridismo e dissolução de todas as fronteiras. Se atentarmos na visão pós-modernista de Michael Hardt e Antonio Negri, a problemática colocada por esta dupla de pensadores aplica-se naturalmente aos intervenientes do apoio humanitário,

5 Bois adultos castrados que atingem grande estatura. Entre o povo Kuvale, destinam-se a funções de representação nos óbitos e a consumos de carne ritualizados e solenes.

tão criticados por Ruy Duarte de Carvalho. Concatenada com a narrativa dominante que Hardt e Negri designam de “Império”, a atuação desses agentes entre os pastores alude de forma clara aos teóricos do pós-modernismo e do pós-colonialismo defensores da política da diferença, da fluidez e do hibridismo como desafios às dicotomias da modernidade. Contudo, para os autores da influente obra *Empire*, toda essa base de fundamentação foi superada, na atualidade, pelas estratégias do poder:

What if the dominating powers that are the intended object of critique have mutated in such a way as to depotentialize any such postmodernist challenge? In short, what if a new paradigm of power, a postmodern sovereignty, has come to replace the modern paradigm and rule through differential hierarchies of the hybrid and fragmentary subjectivities that these theorists celebrate? In this case, modern forms of sovereignty would no longer be at issue, and the postmodernist and postcolonialist strategies that appear to be liberatory would no longer challenge but in fact coincide with and even unwittingly reinforce the new strategies of rule! (Hardt e Negri, 2000: 138).

Assim, a estratégia do capitalismo, em lugar de discriminar abertamente, absorve de maneira subliminar: todos são bem-vindos nas insidiosas fronteiras do *Império*, independentemente da etnia, crença, cor, sexo ou orientação sexual. Esta pulverização das diferenças, promovida mormente pela superabundância de ONG’s, resulta na eliminação do potencial das várias subjetividades que compõem as jovens nações, forjando uma neocolonização traduzida na cultura de dependência, ou seja, constituem um estratagema de imposição de ignorância para subjugar o indivíduo, fazendo-o aceitar a necessidade do consumismo global.

Seguindo o pressuposto, podemos identificar aqui a tal *irracionalidade* que a ótica urbana aponta, opressivamente, aos Kuvale, devido a estes não reverterem a sua prosperidade nos consumos que a lógica ocidental associa à riqueza. A economia do povo Mucubal baseia-se, pelo contrário, num modelo endógeno africano, fundamentado na reciprocidade e passando pela redistribuição direta dos resultados acumulados. Nesta perspetiva, como observa Ruy Duarte de Carvalho, apesar de vários elementos Kuvale terem combatido nas guerras colonial e civil a favor do MPLA, e tendo muitos deles aprendido a ler nas FAPLA<sup>6</sup>, adquirindo alguns hábitos da autopromulgada “civilização”, recusam-se a usufruir da grande maioria dos benefícios que essas circunstâncias lhes poderiam oferecer. Pura e simplesmente, para eles, essas vantagens (uma carreira militar compensadora do ponto de vista financeiro, por exemplo) não se traduzem em bois – logo não conferem estatuto social. Os Mucubais preferem, de modo assumidamente consciente, reverterem-se à sua *miséria* (para eles *riqueza*), continuando “a vestir-se com um pano à frente e outro atrás, a dormir em cima de peles e dentro de casinhas que parecem fornos” (Carvalho, 2015: 307).

## 6. VIAGENS EM MEIA-FICÇÃO

Em *Vou lá visitar pastores*, Ruy Duarte de Carvalho transmite um modo peculiar de captar a realidade e transformá-la em narrativa, analisando e comentando, como forma de lidar com a alteridade, as observações do povo Kuvale, não desejando domesticá-lo ou pugnar pela causa da preservação dos seus modelos e sistemas. Contrário a qualquer tipo de intervenção, o narrador acaba por demonstrar que, através da presença entre os Kuvale, aprendeu mais com eles do que

6 Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, exército do MPLA, movimento nacionalista angolano, de 1974 a 1991.

os influenciou, levando os leitores a embarcar num processo catártico que, afinal, é o do próprio autor empírico envolvido nas suas indagações:

Como dizer-te, no escasso fim de tarde que me resta para encerrar esta conversa, (...) como dizer-te a que ponto esta sociedade me fascinou, (...) uma aventura pessoal que me situa, em plena reta final do séc. XX, a pouco mais de dois anos da viragem do milénio e cercado pelo rumor histórico da globalização, empenhado mas é em decifrar os termos da resolução – rigorosamente situados no tempo e no espaço, revelados pela construção empírica e não pela reconstituição livresca – de uma cultura milenar que todos os dias se reafirma atualizando, desenvolvendo no presente, uma estratégia de integração total entre o meio que lhe assiste, as pessoas que a compõem e o “impalpável” que a envolve, sem no entanto poder descurar nunca a relação com um exterior que a nega e a longo prazo acabará por inviabilizá-la? É destas ambiguidades, precisamente, que se alimenta o meu fascínio atual e ao mesmo tempo exumam os ácidos que vêm atacar a minha consciência e produzir as ansiedades que me tolhem o discurso (Carvalho, 2015: 343).

A Literatura constitui-se da subjetividade, da invenção, da criação de mundos e personagens, ao passo que a Antropologia fundamenta-se na objetividade, na realidade ou na observação de sujeitos. A fusão destes opostos resultou no singularíssimo autoficcionismo de Ruy Duarte de Carvalho, em cuja tessitura, posicionada na estreita união de dois saberes, o literário e o antropológico, ressalta a experiência poética, qual balança que os suspende simetricamente. Num trecho esclarecedor, a prática do método estético que articula ciência e ficção encontra-se descrita em *As paisagens propícias*, o segundo livro da trilogia *Os filhos de Próspero*:

A estória verdadeira, neste caso a viagem, vivida como ficção. Em viagem, portanto, o narrador. (...) Disponível para deixar-se repescar do caminho afundado e solitário que sempre há-de ser o da escrita, pelas escritas que o mundo captado expressivo porque imprevisto e “novo”, lhe convida a inscrever como ficção da sua própria narrativa e na expectativa, sempre, de que daí resulte, aí se dissimule qualquer coisa que exceda a intenção, o contexto e o labor da escrita, alguma parte daquilo que o comum do dia-a-dia impede de ver, a sobreposição lenta de camadas finas e transparentes da própria ficção do mundo (Carvalho, 2005: 13).

Através da sua escrita intersticial, pejada de um memorialismo que engloba o plano pessoal e se converte em autobiografia coletiva, Ruy Duarte de Carvalho realiza uma viagem transumante em busca de possíveis modos de efetivar a comunhão das vozes do Sul. Socorrendo-se de um estilo que o autor costumava descrever como exercício de meia-ficção-erudito-poético-viageira, *Vou lá visitar pastores* revela-se uma obra que podemos categorizar de *prosa etnopoética*, caracterizada pela mistura de textualidades e pela indefinição de género, o que não invalida, ou antes acentua, um enorme alcance antropológico e político-social. Destarte, a sua leitura torna óbvio que a condição identitária do povo Kuvale – essa “tão escassa minoria de angolanos” – não se encontra definida ou totalmente estabilizada, denunciando uma inquietude que participa da necessidade de apreender a construção de Angola.

#### REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Ruy Duarte de (2005). *As paisagens propícias*. Lisboa: Livros Cotovia.
- (2008). *A câmara, a escrita e a coisa dita... Fitas, textos e palestras*. Lisboa: Livros Cotovia.

- (2015). *Vou lá visitar pastores* – 1.<sup>a</sup> edição de bolso. Lisboa: Livros Cotovia.
- HARDT, Michael, e NEGRI Antonio (2000). *Empire*. Cambridge: Harvard University Press.
- LIMA, Paulo Branco (2017). “Ruy Duarte de Carvalho: vou lá visitar pastores”. In: *Cultura – Jornal Angolano de Artes e Letras*, n.º 126 – Ano V. Luanda. 7-8.
- MATA, Inocência (2003). “A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares comuns”. In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.). *Contactos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas. 38-72.
- SPIVAK, Gayatri (2009). *Les subalternes peuvent-elles parler?*. Paris: Éditions Amsterdam.
- (1999). *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press.

## RESUMO

Partindo de uma leitura da obra *Vou lá visitar pastores* (1999), de Ruy Duarte de Carvalho, o presente artigo propõe-se analisar vários vetores da condicionalidade do povo Kuvale, nomeadamente quanto ao seu posicionamento identitário face ao processo de construção do Estado-Nação de Angola. De igual modo, procura-se refletir acerca do impacto político-social da globalização na tradição dos Kuvale, levando em conta aspetos como o relacionamento com ONG's, a circulação de gado ligada ao lugar das mulheres, e a economia particular dos pastores. Encarando a realidade deste povo angolano, sobressai o projeto literário do autor, eivado de uma prática ficcional autobiográfica estilisticamente sedutora, ultrapassando o mero exercício etnográfico.

*Palavras-chave:* *Vou lá visitar pastores*, Ruy Duarte de Carvalho, identidade, globalização, etnografia, ficção.

ABSTRACT

Throughout a reading of *Vou lá visitar pastores*, published by Ruy Duarte de Carvalho, this article proposes an analysis of several vectors regarding Kuvale's conditionality, mainly in respect with this people's identitary positioning in face of the Angolan nation state construction. Equally, the article proposes a reflection about the political and social impact of globalization in Kuvale's tradition, considering aspects as the relationship with NGO's, cattle's circulation in rapport with women, and the shepherd's specific economy. Addressing the reality of this Angolan people, the author's literary project stands out, permeated of an autobiographical and fictional practice stylistically seductive, overcoming the mere ethnographic exercise.

*Keywords:* *Vou lá visitar pastores*, Ruy Duarte de Carvalho, identity, globalization, ethnography, fiction.